



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUCI AMORIM

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-46

Entrevistado: Luci Amorim

Nascimento: 31/08/1931

Local da entrevista: Residência da entrevistada - Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Giovani Frizzo e Luanda Dutra

Data da entrevista: 15/11/2003

Transcrição: Luanda Dutra

Conferência Fidelidade: Ana Paula Duarte

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Giovani Frizzo

Fitas: (01 fita) 46/01-A

Total de gravação: 30 minutos

Páginas Digitadas: 13

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01323/2005/01

Nº da fita: 01323/2005/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

AMORIM, Luci. *Luci Amorim (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

Sumário

História de vida esportiva de Luci Amorim e de seu marido; prática de remo, atletismo e natação; cotidiano das atletas da SOGIPA no período de final da década de 40 e início da década de 50; incentivo da prática desportiva por parte dos pais e amigos; relação com as Federações Esportivas da época; discriminação social de mulheres que praticavam esportes; competições internacionais; histórias de Clubes como: Grêmio Náutico União, Almirante Barroso e SOGIPA.

Porto Alegre, 15 de novembro de 2003. Entrevista com Luci Amorim, a cargo dos entrevistadores Giovanni Frizzo e Luanda Dutra, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Vamos conversar então, Luci. Como é que a senhora entrou... Quando a senhora começou no atletismo?

L.A. - Como é ?

L.D. - É! Quando é que a senhora entrou na sua vida esportiva? A senhora estava fazendo atletismo na SOGIPA¹, né? Foi quando a senhora conheceu o seu marido e dois anos depois... Me conta essa história...

L.A. - Como é que eu comecei? Agora, o que eu me lembro, é que eu sempre fui muito cabrita. [risos] Eu sempre fui muito *arteira*, muito, sei eu lá. De repente, me botaram em competições, depois, começou com esses jogos abertos², até tiro nós competimos. Eu nunca tinha visto uma arma na minha frente. Nos inscreviam e a gente tinha que... Pescaria, eu não tenho paciência, não gosto de peixe! Não tenho paciência [risos] e eles faziam umas competições de quem pescava o peixe menor. Essa aqui³. Não! Nem esta! Essa aqui. Ela ganhou um peixinho de ouro, para botar numa corrente, que ela pescou o peixe menor que tinha, não era o maior, era o menor.

L.D. - Então, Dona Luci, me conta um pouco de sua história. A senhora foi saltadora na SOGIPA, já contou que fez parte da seleção de tiro, participou dos Jogos Abertos.

L.A. - Participei! E, remo também entrou aqui⁴... Não sei se menciona o [palavra inaudível]. É nos anos 1947?

¹ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

² Jogos Abertos Femininos, realizados em Porto Alegre na década de 50 e 60 pelo jornalista Túlio de Rose.

³ A entrevistada mostra uma foto

⁴ A entrevistada mostra uma foto de uma competição de remo durante os Jogos Abertos femininos. Essa imagem foi cedida ao acervo do CEME.

L.D. - É, isso, 1947.

L.A. - Olha, tu nem pensava em vir ao mundo nesta época.

L.D. - Em 1947. Tinha outra guarnição? Era só o Barroso⁵ que tinha?

L.A. - Não, em 47 foi na SOGIPA. Eu conheci ele⁶ em 54, muito tempo, muitos anos depois... Isso foi lá na SOGIPA.

L.D. - Vencendo as provas Estaduais de 80 metros com barreira, lançamentos do peso e do dardo, Luci Oiller⁷. Como é que se lê?

L.A. - “Eller”, eu sou alemã de casa.

L.D. - Ganhando os 100 metros em altura.

L.A. - Esses 100 metros eu ganhei de presente, eu não me lembro... [risos]. Não me lembro. Salto em altura sim, eu tinha paixões, mas essa corrida aí, olha, eu não sei. Às vezes, faltava uma ou se acidentava ou torcia o pé, enfim acontecia mil e uma coisas. Botavam para competir, tinha que ter alguém. Sinceramente, eu ganhei de presente isso aí.

L.D. - E, a senhora quando conheceu seu marido, ele já remava?

L.A. - Sim, ele já era campeão. Eu conheci ele em 54. Ele ganhou essas provas aí em 51, 51, 54. Eu conheci ele na festa do chopp, na Oktoberfest⁸ na SOGIPA. Nós estávamos numa mesa enorme de moças tomando chopp. E, nós achamos graça que na mesa seguinte, tinha horrores de homens, rapazes tomando Guaraná. Foi assim que a gente se conheceu [risos]. E a Lídia⁹ também casou. O marido¹⁰ dela também ela conheceu lá.

⁵ Clube de Regatas Almirante Barroso. Fundado em 26 de fevereiro de 1905 a partir de uma dissidência de associados do Ruder-Club Germania que foi fundado em 29 de outubro de 1892.

⁶ Manoel Amorim, marido da entrevistada

⁷ Nome de solteira da entrevistada

⁸ Tradicional festa alemã, realizada anualmente no mês de outubro, na SOGIPA.

⁹ Lídia Gobatto Karl

¹⁰ Walter Gehrardt Hubert Karl

L.D. - Que legal!

L.A. - Sei lá! Foi assim que começou, como brincadeira. Era baile naquela época... Sei eu lá, não me lembro mais direito se começou logo o namoro. Sei que aí, nós começamos a freqüentar o clube, porque quando eu ia... Naquele tempo, quando o rapaz era sócio de um clube, as irmãs solteiras podiam ir nas costas dele e não precisavam pagar separado, é só tirar a carteirinha e mostrar que eram irmãos, tirava a carteirinha e freqüentava o clube. Eu nunca tinha ido no Rio¹¹, depois que eu conheci meu marido, que era de um clube mais pobre... Não tinha a piscina, era rio mesmo. E, eu adorava e, nós nadávamos até de bóia. Naquele tempo, o rio não era poluído. Ou se era a gente também não ligava. Não sei, hoje é que dão muita importância para isso. Também, a cidade duplicou, triplicou, tem tudo isso. De jeito que...

L.D. - A senhora começou... A senhora também fazia natação lá. Mas...

L.A. - Não. Mas não para competir. Para competir não. Para esporte, sim. No verão a gente passava, a gente não ia veraneiar, a gente pegava... Às vezes, chovia que nem sei. Pegava a malinha e ia para o rio tomar banho. Vai te molhar mesmo, [risos] ninguém vai tomar banho seco. Nós íamos, às vezes, até sexta-feira santa, que todo mundo respeitava muito naquela época. E, parecia que tinha morrido alguém numa casa. Às vezes, tu cantavas, tu te esquecias e a mãe dele repreendia, né. Olha, hoje não se canta, hoje tu ligas o rádio têm muitas emissoras. Que saiam do ar, né... Ou, então, só davam musica clássica, era um dia que todo mundo respeitava. Nós, às vezes, abaixo de chuva, nós íamos para o rio tomar banho. Tinha um ou outro que não ligava para essas coisas, era um dia de sentimento mesmo na casa, parecia que tinha morrido alguém, um respeito tremendo. Hoje, tu não notas mais nada de coisa nenhuma.

L.D. - Dona Luci, a sua mãe deixou a senhora fazer atletismo, nadar... Incentivou...

L.A. - Meu pai e minha mãe eram estrangeiros eles tinham outras...

L.D. - Outros pensamentos.

L.A. - É.

L.D. - Graças a Deus, Dona Luci.

L.A. - Meu pai era alemão e minha mãe era italiana. Ao contrário da Lídia. A Lídia era pai italiano e eles tinham outra mentalidade, não era coisa assim de segurar porque era filha mulher. Nós tivemos a mesma educação que meus irmãos, as mesmas liberdades, a única coisa é que tu tinhas que dizer aonde ia, que hora voltava e com quem que tu ias. E, aí de ti que tu mentisse ou... [risos] Não. Isso eles não perdoavam. Nunca, porque tu és mulher, tu ficas aqui, tu ficas bordando, não mesmo, tu também é filha de Deus, nunca impediram.

L.D. - Alguém olhava ... E, como é que as pessoas viam...

L.A. - Ah, como mulher-macho.

L.D. - É.

L.A. - É. Mulher que se dedicava ao esporte, era mulher-macho, no duro!

L.D. - Mas como?

L.A. - E, depois, também, era tudo reforçada. Nós... Olha só... Era tudo tamanho pesado [risos] Por isso que nós éramos solteiras, aqui ó, tudo moças. Isso aí foi antes da gente casar, eram tudo robustas, mulheres muito forçadas.

L.D. - E, o teu namorado lhe incentivou e o seu marido lhe incentivou? “Ah, vem para cá...”.

L.A. - Claro. Ele puxa. E, nós gostávamos... Todas amigas foram juntas. Todo mundo foi tomar banho no Barroso. [risos]. É...

L.D. - Foi ele que pensou em fazer essa guarnição feminina pra vocês?

¹¹ Rio Guaíba.

L.A. - Eu não sei quem é que deu a sugestão, não sei mesmo. Porque foi para os Jogos Abertos Femininos. Nos convidaram para ir: “Vamos?” Porque, naquele tempo, todo mundo trabalhava. Não tinha ajuda financeira de ninguém, tu tinhas que se levantar de madrugada se tinha treino para as sete e meia, oito horas estar no teu serviço. Porque os patrões não queriam saber se tu estavas malandrando, ou não. Tu tinhas que cumprir horário. E, naquele tempo, era amador mesmo, ninguém tinha ajuda de custo, mas que esperança! Quando um atleta se salientava, então, a Federação¹² dava passagem ida e volta. Mas, era tudo por conta tua.

L.D. - E, a Federação chegou assistir as Regatas de vocês e dar incentivo?

L.A. - Sim. Isso era oficial. Os Jogos Abertos Feminino era oficial.

L.D. - Eles pagaram as passagens pra vocês?

L.A. - Nós fomos uma vez ao Rio Grande¹³ e, não lembro quem é que pagou. Nós não fizemos grande... E, também, logo em seguida começamos a casar e eu, por exemplo, quando casei, para mim terminou, porque nós viemos morar aqui¹⁴. Isso aqui era um mato quando nós viemos morar aqui. Faz quarenta e cinco anos que eu moro aqui e essa casa aqui estava sendo construída; o resto era campo, tinha vacas soltas, era um campo de criação. E aí... Enquanto eu estava solteira, minha mãe lavava e cozinhava, enfim. Mas, quando eu casei tive que vir para cá, e dar conta da roupa minha, da dele e cozinhar e... Aí, terminou a festa pra mim, né.

L.D. - Mas ele continuou indo!

L.A. - Ele continuou. Mas claro!

L.D. - Não parou.

¹² Federação Gaúcha de Remo, A primeira federação esportiva fundada no Rio Grande do Sul foi a de Remo, com o nome de Comitê de Regatas, em 17 de fevereiro de 1894, mercê da iniciativa de duas agremiações, o Ruder-Club Porto Alegre e o Ruder-Verein Germânia.

¹³ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁴ Referindo-se ao Bairro Lindóia, local onde mora.

L.A. - Homem não deixa.... Não cozinhava. Naquela época, era um horror um homem ir pra cozinha, hoje não. Hoje, os casais novos, quem chegar primeiro em casa começa. O meu marido ficava sentado ali na poltrona, se eu não tivesse, ficava esperando que eu chegasse. Naquele tempo, era bem separado serviço de homem e de mulher.

L.D. - E ele continuou remando por quanto tempo? A senhora se lembra?

L.A. - Não me lembro, não me lembro... Meu guri nasceu em 62, eu acho que muito pouco tempo depois...

L.D. - Ele parou.

L.A. - Ele parou. Deu instrução também no Barroso. Depois, parou, o clube foi mal. Hoje, já derrubaram aquele castelinho. Não existe mais, os cupins tomaram conta, eles tiveram os barcos... Nem sei se sobrou algum, porque cupim quando dá vai tudo. Não sei que fim levou. O Rovinski¹⁵ não falou se ainda tem?

L.D. - Acho que não.

L.A. - Porque se não me engano ele é presidente lá, né?

L.D. - Era, agora não é mais.

L.A. - Não é mais! Não sei. Eu e uma amiga minha, gostamos muito de carteadado, eu só não bebo [risos]. Quer dizer, não bebo álcool, mas gosto de fumar e gosto de jogar cartas, canastra. Eu tenho uma amiga, que volta e meia vem para cá. Agora não, porque ela, com setenta e cinco anos, teve que arrumar emprego, que a aposentadoria dela não dá mais. E, consegui, está sendo, como é que é, secretária de um advogado, horário integral, das oito da manhã as doze e das duas às seis. E, ela vinha para cá e nós passávamos a noite jogando, uma vez por mês, nós fazíamos isso. De repente, bateu uma saudade, porque nós fazíamos piquenique lá na Ilha¹⁶. A mãe dela, naquele tempo, existia. Eles levavam rede,

¹⁵ Luiz Rovinski, remador da época.

¹⁶ Ilha do Pavão, onde existe uma sede do Grêmio Náutico União.

travesseiro peteca, o que tu podias pensar assim e, nós passávamos o dia lá. E aí, o Rovinski era presidente e eu pedi para ele se ele não arrumava um passe para eu passar um domingo lá, que eu ia ir, eu e ela. Duas velhas com mais de 70 anos. Olha, parecia que nós íamos... O jeito que ele me respondeu parecia nós duas íamos depredar a Ilha, o que sobrou da Ilha. Eu fiquei tão admirada. Como se nós fossemos uns marginais, assim. Eu disse para ela, que eu não sei se o Rovinski entendeu. Depois, eu falei com ele: “Eu não! Mas como?” Olha, eu não vou mais... Uma barca para te atravessarem que se não dão licença tu não tens... Tu vais a nado para lá? Não, tu não vais. Então, se ele não dá licença, o que tu pode fazer? Naquele tempo, era a sociedade que funcionava: os sócios faziam fila no cais do porto para atravessar para ilha e a barca ia e vinha, tipo um ônibus. E, ele me negou aquilo no inverno, fora de temporada. Mas, o que ele achou que nós íamos fazer lá, meu Deus! Nunca mais pisamos lá. Uma judiaria porque aquilo lá é tão bonito.

L.D. - Agora, não. O Barroso não tem mais ilha ali, agora, é só do União¹⁷.

L.A. - O União comprou aquilo?

L.D. - Tudo... Só do União.

L.A. - Mas nós não temos dinheiro nessa vida que não tem... Mas os barcos...

L.D. - Por que não voltou ? Não voltou mais?

L.A. - Não. Não, fui mais daí. Porque no tempo que existia, ele ficou com medo que nós fossemos fazer não sei o que [risos].

L.D. - A senhora nunca freqüentou aqueles almoços que têm quintas-feiras, lá no União?

L.A. - Não. No tempo que eu freqüentava o União, nós éramos tudo solteiras, meu irmão tem menos de dois anos de diferença de mim, ele que era sócio. Nós freqüentávamos a

¹⁷ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

piscina lá no Moinhos de Vento¹⁸. Mais domingo, porque os colégios também não davam folga. No nosso tempo, a gente estudava de manhã e, de tarde, tinha que voltar porque as freiras não deixavam a gente desocupada. Tínhamos que aprender a cerzir, a pregar botões, a bordar, a tricotar... [risos].

L.D. - Isso não era contigo Luci?

L.A. – Não, eu gostava sim. Gosto muito de trabalho de mão, eu adoro! Hoje, eu só faço crochê e leio. O resto... Menina, a casa, quando está ruim, eu dou um jeito de arrumar, limpar porque eu não estou mais, corri a vida inteira, por mim chega [risos]! Quando eu não enxergo mais os vizinhos eu limpo os vidros [risos]. Enquanto der para olhar para fora... Não estou mais ligando, tu vai e a casa fica. Não mesmo, vou aproveitar.

L.D. - Quanto tempo a senhora remou aqui no Grêmio¹⁹?

L.A. - Isso não é. Isso é atletismo.

L.D. - Atletismo. Quanto tempo a senhora praticou atletismo?

L.A. - Olha, no Grêmio eu acho que eu só passei para lá, porque em seguida, deixei de ir porque os treinos eram lá naquele...

L.D. - Cadê a senhora na foto²⁰?

L.A. - Aqui essa.

L.D. - Bem no cantinho...

L.A. - Essa aqui é a Rita Brondi²¹, Ilda Gerdau²², Eli Marta Muller²³... Essa aqui, eu encontrei, há pouco tempo, as outras nunca mais eu vi. Não sei nem se estão vivas. E, esse

¹⁸ Bairro de Porto Alegre, onde localiza-se uma das sedes do GNU.

¹⁹ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

²⁰ Nesse momento a entrevistada mostra algumas fotos.

²¹ Nome sujeito à confirmação.

aqui, também era meu... Todos eram da SOGIPA. Nós fomos para Grêmio em... Dando apoio para o técnico, né. Eu não era sócia da SOGIPA, eu ia para SOGIPA porque meu pai era sócio. Meu pai tinha uma das... Como a numeração dele como sócio era bem baixa, eu ia porque eu era filha dele, mas no momento que a gente casa...

L.D. - Aí, tu perdes.

L.A. - Ou perdia, eu não sei hoje como que funciona isso. Ainda a filha tem o direito a ir com o pai até que case?

L.D. - Não sei.

L.A. - Ah, também não sei. Mas, hoje, está todo muito ávido por dinheiro, é uma coisa nunca vista. Não sei com quantos anos a própria criatura tem que se associar. Não sei.

L.D. - Durou muito pouco tempo que a senhora remou?

L.A. - Tu sabe que eu não me lembro quanto tempo...

L.D. - Mas era só o Barroso que tinha?

L.A. - Não! Os outros clubes também pegaram umas ilheiras, umas moças que moravam na ilha e estavam acostumadas a remar. Parece que elas usavam caiaque para se locomover. Olha, as mulheres remavam que era uma barbaridade! Eram muito boas!

L.D. - A senhora lembra de alguma? O nome de alguma?

L.A. - Dessas ilheiras? Não. Das nossas sim porque nós éramos todas amigas. Até as guarnições inimigas, era tudo gente da mesma turma. “Vamos formar umas guarnições?” Vamos. E aí...

²² Nome sujeito à confirmação.

²³ Nome sujeito à confirmação.

L.D. - Recebeu apoio do teu marido e foi.

L.A. - É. E elegemos ele como o instrutor. Ele não tinha muita paciência não, se tu botavas o remo mal dentro da água, tinha que ter... Não era de qualquer jeito. Mas, ele te xingava. E, também, se pegava mal na água o remo, espetava nas costas da que ia na frente. Mas era muito bom remar! Mas não correndo. Com alguém correndo atrás da gente é horroroso. Agora, para passear é uma maravilha, eu não sei como não aproveitam esse rio aí porque... Esses clubes deviam ter garagens para quem quisesse se exercitar, botar aqueles barcos ali para guardar, porque tu não podes deixar amarrado ali. Tem que ter uma garagem, uma coisa que eles fiquem no seco. Porque é uma delícia, é maravilhoso remar para passear.

L.D. - A senhora pegou gosto por causa do seu marido, então?

L.A. - É. É que a gente prova, né. A gente prova, aí a gente começa a gostar. Agora, para correr é horroroso. Nossa senhora! A gente vê o outro barco se aproximando e, tu não tens fôlego para... É brabo. Mas...

L.D. - Não teve nenhuma de vocês que remava, que quis continuar depois?

L.A. - Não.

L.D. - Não.

L.A. - Não, que engraçado, a gente desistiu, o pessoal foi desistindo. Eu vejo que lá no Rio e São Paulo tem moças que estão remando. E, competindo, no nosso tempo não, isso era coisa para homem, hoje, não tem mais isso. E, os clubes também... Aqueles barcos valiam uma fortuna, pensa que eles te entregavam assim na mão?

L.D. - Era difícil?

L.A. - Barbaridade. Se não fosse um dos homens junto ali porque eles iam... Porque se tu entras num cais ali e arrebenta um negócio daqueles, entendeu, onde é que tu ias... Era muito caro essas coisas, é lógico. E, todo o mundo que tinha... Se tu causasses um desastre,

um dano daquele não ia sair do teu bolso, saia do clube. Eles tinham um cuidado com aquilo tremendo. Aquilo era uma casquinha de noz. Não sei se tanto porque os homens... A gente via ali, tem fotos deles carregando os barcos, tirando eles da água, precisava muito para tirar aquilo ali. Eles não entregavam na mão de qualquer um, não.

L.D. - Só se tu tivesse com um homem deles lá na hora?

L.A. - É lógico, isso eles se responsabilizavam e, sabiam dirigir, porque vai aquele timoneiro... Mas, com o negócio do remo, a gente se dava com muita mais gente na Argentina. Eles têm um rio mixuruca, um tal de Rio Tigre²⁴ eu acho, mas estreito. Eu acho que o Arroio Ipiranga²⁵, fedorento, feio e nós corríamos. Queria que tu visses, domingo de manhã, como tem gente remando lá. Quase que tem que colocar um guarda de trânsito ali porque é tanta gente: marido, mulher, criança, todo mundo pratica. E, aqui, com essa beleza, tu não vês ninguém.

L.D. - Por que a senhora acha que aconteceu isso?

L.A. - Do pessoal aqui não...

L.D. - Isso.

L.A. - Sei lá. O pessoal é cheio de preconceito, não tenho a menor idéia porquê. Gosto pelo remo, aqui todo mundo tem. Muitos barcos desses daqui, meu marido ia encomendar lá na Argentina, porque não tinha quem fizesse aqui, talvez tenha hoje, mas hoje tem fibra.

L.D. - É.

L.A. - É, bem mais... Os cupins não se importam com fibra, não dão... Não sei. Francamente não sei. Tem que ter garagem, se um clube não tem lugar para isso, onde é que tu vai guardar? Não tem jeito. E, depois, tem outra, a Lídia - essa que tu fosse

²⁴ Rio Tigre, localizado em Buenos Aires- Argentina.

²⁵ Arroio Dilúvio, na Avenida Ipiranga em Porto Alegre.

primeiro, essa aqui²⁶ - na época que nós remávamos, o pai dela tinha uma lancha. Paga imposto, como tu tem um carro para andar na rua. Paga imposto e, era alto. O imposto para poder usar o rio e, eu também não sei onde é que eles guardavam o barco, tem que ter um duque. Não sei, não sei. Os clubes nunca se interessaram. Depois que terminaram com o cais, porque enquanto construíram o cais é que terminou esses clubes náuticos. Fizeram o porto, desse lado do rio e, era o rio natural, tinha uns trapiches e, era alegria da gurizada. Os clubes botavam umas... Faziam umas piscinas enormes, como essas duas peças aqui, tudo de ripado e, dentro da água, para quem não soubesse nadar, para não ser levado pela correnteza e era muito bom. E, construíram o cais, passaram lá para o outro lado, morreu e, depois de... Foi um sucesso muitos anos, mas depois começou a cair, cair, cair, eu nem sabia que o União tinha comprado o Barroso.

L.D. - Aquela parte da ilha comprou. O Barroso só tem lá no Navegantes²⁷ mesmo.

L.A. - É, eles tem um terreninho ali. Nunca fui assistir uma regata, desde que transferiram pro Parque Náutico ali no...

L.D. - Navegantes.

L.A. - É. Nunca fui. Aí, a gente não tinha mais carro. Chegar domingo, tu sair aqui para pegar condução, chega lá tem que pegar outro ônibus, olha fica em casa que tu ganhas mais! [riso] Ainda tendo que lavar e cozinhar para o fim de semana, lavar roupa da semana, é um inferno. A gente foi se acomodando, os anos vão chegando, os filhos vão crescendo, conforme eles crescem problemas e problemas, aí tu não vai a mais nada.

L.D. - O seu Manoel²⁸, ele participava da Federação? Ele chegou a se envolver com alguma coisa?

L.A. - Ah! Ele sempre, era a vida dele isso.

L.D. - Então, ele sempre continuou ligado ao remo?

²⁶ Mostrando uma foto.

²⁷ Bairro de Porto Alegre.

L.A. - Sempre. Acho que, até bem pouco tempo antes de morrer, que ele desistiu de ir. Ele sempre ia nas regatas domingo de manhã e tudo. Sei lá! Quando ele começou a ficar doente e, que ele não pode mais dirigir, porque começou a dar tonturas nele, aí ele também não ia. Não tinha nenhum amigo para vir com ele, que morasse para o mesmo lado. No fim, a gente desiste, que é muita luta. E fim. Ele lutou muito para o Barroso não terminar. Ele andou comprando umas rifas, não sei para que. Eles faziam dinheiro para... Mas não...

L.D. - Adiantou.

L.A. - Isso precisa de muito dinheiro. Tinha piscina lá na ilha, mas precisa de funcionários, precisa guardas, porque, mesmo sendo uma ilha... Pensa que não é invadido por gente? E, as coisas, tudo precisa dinheiro, não adianta. E, o União tem.

L.D. - Dona Luci, a senhora era reconhecida na rua? A senhora saiu... Eu acho que tem uma reportagem de vocês, uma dessas fotos que era num jornal. Chegavam a te reconhecer na rua?

L.A. - Não, acho que não. Em absoluto, a gente era conhecida no meio, nos clubes. E aí, sim, mas na rua não, graças a Deus, não [riso].

L.D. - Dona Luci, eu queria agradecer a entrevista. A senhora é muito querida nos recebendo aqui na sua casa.

L.A. - Obrigada.

L.D. - E, dizer que o Centro de Memória²⁹ está à disposição... Se a senhora quiser visitar a gente. Sempre que a senhora quiser, a gente está lá.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²⁸ Manoel Amorim.

²⁹ Centro de Memória do Esporte da ESEF-UFRGS.